

NATUREZA E MODERNIDADE EM SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: PRIMEIRAS IDEIAS

*Ana Carolina Vila Ramos dos Santos**

Resumo: Nesse artigo, trato da obra de Sérgio Buarque de Holanda de modo a trazer à tona suas reflexões em torno de “natureza” em suas articulações com o tema da modernidade brasileira em dois momentos importantes de sua obra: *Raízes do Brasil* (1936), de um lado, e, de outro, *Monções* (1949) e *Caminhos e Fronteiras* (1957). Aceito como tese que a modernidade brasileira, do ponto de vista de Sérgio Buarque, é uma intrincada síntese entre passado e futuro, tradição e modernidade numa acepção que se distancia da noção clássica de modernidade ocidental.

Palavras-chave: pensamento social; modernidade; natureza.

Abstract: In this article, Sérgio Buarque de Holanda’s work is treated in order to elicit his reflections on “nature” in their links with the theme of Brazilian modernity in two important moments of his work: “*Raízes do Brasil*” (1936), on the one hand, and on the other, “*Monções*” (1949) and “*Caminhos e Fronteiras*” (1957). I accept as thesis that modernity in Brazil, from the standpoint of Sérgio Buarque, is an intricate mixture of past and future, tradition and modernity in the sense that distances itself from the classic notion of Western modernity.

Keywords: Brazilian social thought; modernity; nature.

* Doutoranda em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: carol_vrs@yahoo.com.br.

Introdução

Esse trabalho tem como tração inicial meu interesse pelos estudos da sociologia ambiental. A sociologia ambiental no Brasil tem recebido pouca atenção do mundo acadêmico e, podemos sugerir, que se trata de um campo de estudos ainda em seus primeiros passos. Esse trabalho tem como objetivo oferecer as primeiras reflexões sobre o tema *natureza* (especialmente, em conjunção com o tema “*modernidade brasileira*”) no interior da sociologia brasileira como uma forma de oferecer um “substrato teórico” para a construção de uma sociologia ambiental à brasileira e, para tanto, eu olho para os clássicos do pensamento social brasileiro. Sérgio Buarque de Holanda é o foco das reflexões nesse artigo.

Nesse artigo, trato da obra de Sérgio Buarque de Holanda de forma cuidadosa de modo a trazer à tona suas reflexões em torno de “natureza” em suas articulações com o tema da modernidade brasileira em dois momentos importantes da obra do autor: *Raízes do Brasil* (1936), de um lado, e, de outro, *Monções* (1949) e *Camínhos e Fronteiras* (1957).

Ao analisar essas obras, tomo como objetivo identificar de que modo natureza e modernidade são tratadas nesses dois momentos da carreira de Sérgio Buarque ao apontar diferenças ou convergências de tratamentos de modo a entender de que forma tais temas são trabalhados. Aceito como tese que a modernidade brasileira, do ponto de vista de Sérgio Buarque, é uma intrincada síntese entre passado e futuro, tradição e modernidade numa acepção que se distancia da noção clássica de modernidade ocidental¹.

Começamos esse empreendimento apontando que há uma discussão intensa na literatura acerca dessas distâncias e convergências entre esses dois momentos da obra de Sérgio

¹ Tavolaro (2005) oferece uma clara e sintética definição do que, aqui, entendemos como “noção clássica de modernidade”.

Buarque. Alguns apostam na perenidade das posições e reflexões elaboradas em *Raízes do Brasil* (especialmente a partir da 2ª edição da obra, como argumenta Monteiro, 1999); outros apontam uma discordância relevante entre os dois momentos (Wegner, 2000). No centro desse debate: os caminhos da modernidade brasileira na primeira metade do século XX.

Tomo essa disputa como um ponto de partida privilegiado para entender os desenvolvimentos da ideia de modernidade em consonância com o tema da natureza ao longo da obra do autor. Acredito que não há uma ruptura entre as duas obras, mas um olhar renovado em *Caminhos e Fronteiras* e *Monções* pela escolha do objeto de estudo, São Paulo nos séculos XVII e XVIII, objeto esse lembrado em uma passagem de *Raízes do Brasil*. A escolha de São Paulo faz sentido quando percebemos que é nesse estado que uma racionalidade propriamente moderna começa a ser desenhada já nos séculos XVII e XVIII por ocasião das bandeiras e monções. Assim, é possível que exista uma diferença, entre os dois momentos da obra do autor, quanto ao diagnóstico do futuro do Brasil tendo por base um certo ponto de vista acerca do passado do país. Em outras palavras, as bandeiras e as monções representam, no pensamento de Sérgio Buarque, uma novidade na formação da cultura e da sociedade brasileira no que toca às relações entre homens e destes com a natureza já entrevista, mas não desenvolvida, em sua obra de estreia *Raízes do Brasil*.

No tópico seguinte, trato, essencialmente, do modo como a formação da cultura e da sociedade brasileira é apresentada em *Raízes do Brasil* para, então, tentar traçar elementos de convergência e divergência, no último tópico desse artigo, entre essa primeira obra e os trabalhos do autor sobre o processo de ocupação do Oeste brasileiro, *Monções* e *Caminhos e Fronteiras* no que toca, essencialmente, ao tema modernidade. Como ficará claro, “natureza” é um elemento importantíssimo para entender a leitura renovada acerca do Brasil moderno desenhada nessas duas últimas obras.

As Raízes

Olhemos para *Raízes do Brasil*: qual o diagnóstico presente na obra a propósito do Brasil? Podemos sugerir que, de forma geral, Sérgio Buarque nutre uma visão pessimista sobre o futuro da modernidade no país nessa obra. Um primeiro elemento desse quadro pessimista, o autor já nos traz no primeiro capítulo e é bem resumido nessa famosa frase: “somos ainda uns desterrados em nossa própria terra” (Holanda, 1991, p. 03). Por essa colocação, Sérgio Buarque chama atenção para o grande abismo que separa “cultura” e “natureza” nesse país. A natureza, em seu esplendor bem como em seu mistério, é a tropical com sua flora e fauna totalmente desconhecidas, seus rios caudalosos, cachoeiras temerosas e montanhas robustas e íngremes como obstáculos à penetração e ocupação humana; a cultura é aquela trazida do outro lado do oceano, a cultura ibérica. Já de saída temos a natureza em seu máximo esplendor como um obstáculo à implantação de uma cultura de origem europeia. Mas o autor enriquece a caracterização dessa cultura de implantação ao longo da obra.

Sérgio Buarque, em alguns capítulos da obra, analisa de forma detida e cuidadosa os traços que julga serem peculiares aos povos ibéricos. O primeiro deles, o caráter de indecisão que uma *cultura de zona fronteira* traz em si: “nem uma coisa, nem outra”, a cultura ibérica traz a marca do indefinido entre a cultura europeia e o desconhecido do Oriente. Não se trata, portanto, de uma cultura ocidental em sua plenitude, mas uma cultura cuja marca é o amálgama com aquelas outras culturas à beira do Mediterrâneo. A essa capacidade única de se misturar e aceitar o “outro” que caracteriza as culturas ibéricas é dado o nome de *plasticidade*, a segunda característica importante acerca das culturas ibéricas de que trata Sérgio Buarque. Somada a essa plasticidade, tem-se como fator dessa capacidade única de se adaptar às mais diversas situações o que o autor chama de um “*realismo fundamental*” (Holanda, 1991, p. 76), típico dos ibéricos cuja marca característica é a renúncia à ação no mundo, a aceitação resignada tal este é sem ilusões, sem paciência.

Uma outra característica importante trazida d'além mar é a *cultura da personalidade* cuja peculiaridade é a importância exacerbada que esses povos atribuem ao valor da pessoa humana em sua autonomia. Como um desenvolvimento daquele "realismo fundamental", a autonomia do homem é o valor máximo atribuído a um homem. Dito de outra forma, o valor de um homem é reflexo da extensão em que não precise depender dos demais. Há consequências nefastas desse individualismo "torto" ("torto" porque esse individualismo não é um elemento moderno, mas antes uma das raízes da tradição ibérica) dos povos ibéricos, qual seja, a fraqueza das organizações coletivas que se dá em grande parte devido ao horror, alimentado nessas culturas, à hierarquia e à cooperação entre pares.

Em outro trecho da obra que expressa de forma completa essa postura dos povos ibéricos, Sérgio Buarque nos diz que "em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida" (Holanda, 1991, p. 04). Nesse estado de coisas, não é difícil imaginar porque não se estabelece entre povos ibéricos um espírito de solidariedade e de cooperação imprescindível na conformação de organizações sociais: é a inteireza do indivíduo, e não a coletividade, o valor sagrado do iberismo.

A impossibilidade de, entre ibéricos, surgir qualquer arremedo de solidariedade e organização social traz à baila um outro elemento negativo deste culto exagerado à autonomia do indivíduo, o *horror ao trabalho como valor moral*. Sabemos que o trabalho manual tem como suposto o mínimo de ordem e tranquilidade que assegure a cooperação e harmonia de interesses; não é difícil imaginar que em uma cultura em que a inteireza do indivíduo é valor supremo, o indivíduo basta-se a si mesmo.

Se o indivíduo se basta, como sugere argutamente Pedro Monteiro (1999), por que alterar a ordem do mundo? O trabalho manual, como objeto exterior e estranho ao homem, nada acrescenta à dignidade do homem ibérico, pois este sempre voltado para si mesmo. Assim, a verdadeira aversão ao trabalho manual

tão característica da gente ibérica, argumenta Sérgio Buarque, tem como resultado o louvor ao ócio em detrimento do negócio, a “aventura” em detrimento do “trabalho”; e é a “aventura”, sentencia Sérgio Buarque, o princípio regulador da cultura ibérica. Desse modo, os homens, que se jogaram na aventura americana e aqui fincaram raízes, foram dissolvendo-se na e plasticamente amoldando-se à natureza tropical e à gente americana de modo que o fundamento propriamente europeu da cultura fora lentamente adaptado à nova situação. Contraposta à ética do trabalho que tão profundamente marcou o empreendimento das 13 colônias na América do Norte, a ética da aventura teve como produto, no trópico, uma civilização *sui generis*.

Daquele reino de emoções e instabilidade que é a alma do ibérico, não se pode esperar um empreendimento marcado pela ordem, disciplina e hierarquia – muito pelo contrário, o Brasil como fruto direto desse “jogar-se ao mundo” dos portugueses é filho da aventura e não do trabalho, da desordem e não da ordem. Quais são, então, os resultados desse espírito da aventura que marcou os primeiros séculos de vida do país?

Diz-nos Sérgio Buarque que o Brasil não é uma civilização agrícola, mas uma civilização de raízes rurais e o que o autor, com isso, quer dizer? Entenderemos aos poucos essa proposição. Sérgio Buarque afirma que a civilização que aqui se formou não é fruto do trabalho racional e diligente da terra cujo fruto é uma sociedade organizada em torno da solidariedade e da cooperação, mas sim uma sociedade fruto da aventura daqueles que aqui se jogaram em busca de fortunas, sem calcular riscos, mas almejando a fortuna a qualquer custo.

Assim, a “civilização da cana” dos primeiros séculos de vida do país não fora marcada pela racionalidade do cultivo da planta e comercialização do açúcar, mas pela ambiência de *hybris* tão bem descrita por Ricardo Benzaquen de Araujo (1994) quando estuda a obra de Gilberto Freyre. Essa *hybris* é entendida como uma ambiência de exageros que muito se afasta do ideal ordenado e civilizatório dos primeiros tempos de uma nova sociedade. Nos trópicos, diz-nos Sérgio Buarque, a grande propriedade de terra

tocada pelas mãos de escravos, e não a pequena propriedade tocada pelo próprio esforço de seu dono, foi a marca da civilização da cana. Na exploração de terras tão exóticas quanto as tropicais, a técnica europeia serviu apenas para fazer ainda mais devastadores os métodos rudimentares dos indígenas. A verdade, sentencia Sérgio Buarque, é que “sem braço escravo e terra farta, terra para gastar e arruinar, não para proteger ciosamente, ele seria irrealizável” (Holanda, 1991, p. 18). É, portanto, uma ética da aventura que não mede esforços para realizar seu fim maior e não uma ética do trabalho paciente e resignado que comanda os primeiros esforços civilizatórios nessas terras. Essas raízes nefastas persistem na formação da sociedade brasileira como um grande obstáculo à formação de uma sociedade moderna segundo o gabarito da civilização ocidental, argumenta Sérgio Buarque em *Raízes do Brasil*.

Esse espírito de aventura que direcionou o empreendimento colonial soma-se à verdadeira força motriz daquela sociedade, a família patriarcal. A família, e não a comunidade, fornecia a ideia mais corrente de poder, obediência e coesão entre os homens no Brasil Colonial. O resultado dessa ambiência de “intoxicação familiar” era predominarem, em todas as esferas da vida social, sentimentos próprios ao ambiente doméstico, antipolítico e particularista por definição. Trata-se de um transbordamento da ordem privada que invade e determina o movimento do espaço público.

A despeito das sucessivas crises agrícolas (desde as crises do açúcar no século XVIII às do café nas primeiras décadas do século XX, momento de escrita da obra), essas raízes rurais persistem como a marca da sociabilidade brasileira. E qual a marca distintiva de nossa cultura? Sérgio Buarque apresenta-nos, então, a *cordialidade* como a nota básica da cultura brasileira.

A cordialidade é tomada como um dos efeitos daquela supremacia incontestável da família colonial. A esfera familiar, tomada como o *locus per se* dos contatos primários, dos laços afetivos aqueles firmados pelo coração, oferece o modelo obrigatório das relações sociais no Brasil. Nesse sentido,

a afabilidade, a hospitalidade, a proximidade denotam não um caráter positivo de civilidade, mas apontam sim para a persistência daquela sociabilidade herdada de tempos passados em que a família fornecia o gabarito das relações sociais.

Diante dessas raízes fundas e frondosas, qual o espaço para mudança? Voltamos, então, ao pessimismo designado no início desse capítulo. É nos dois últimos capítulos da obra que Sérgio Buarque traça o que julga serem os novos tempos da sociedade brasileira. Contudo, os tempos vindouros, do ponto de vista do autor, pouco trazem de novidade. Há sim um processo de urbanização e industrialização em curso no país que tende a empurrar para o passado as raízes ibéricas e dar espaço a uma nova mentalidade fomentada na nova terra, o “americanismo”, mas, diz-nos Sérgio Buarque, a cultura brasileira, em pleno século XX, ainda permanece largamente ibérica e isso se deve ao que o autor chama de “insuficiências do americanismo” – insuficiência e não ausência, é preciso notar. Aprisionado mas existente, o americanismo, num processo lento, se eleva à altura do iberismo pelo intenso processo de urbanização em curso no país, contudo, diz-nos o autor, há que se atentar para a convivência e não para o estiolamento completo de um, o iberismo, em favor de outro, o americanismo.

Uma prova da existência, ainda que insuficiente, dessa mentalidade americana em solo brasileiro, diz-nos o autor em *Raízes do Brasil*, é o avanço para o Oeste do país partindo do Estado de São Paulo. Em meados do século XIX, o café imprime um novo movimento à economia e à sociedade do país. Libertando-se, ainda que não totalmente, das formas de exploração da terra e do trabalho do passado colonial, a lavoura cafeeira representa os avanços da tecnologia no cultivo da planta, da modernização das formas de comercialização e, finalmente, os primeiros traços de uma sociabilidade minimamente liberta da cordialidade. O ética do trabalho começa a se desenhar no horizonte brasileiro de forma clara e irrevogável, ainda que insuficiente.

Essa ilha de americanismo em meio ao mar de iberismo leva-nos a pensar que já em *Raízes do Brasil* se desenha um plano

de trabalho sobre a modernidade tipicamente brasileira para o autor. *Caminhos e Fronteiras* e *Monções* são, nesse sentido, continuações do capítulo “Nossa Revolução” de *Raízes do Brasil*. Para perceber esse diálogo entre as duas obras, olhemos agora para *Caminhos e Fronteiras* (1957) e *Monções* (1945).

O Movimento

Nessas obras que tratam do processo de conquista do Oeste brasileiro em dois momentos distintos, as bandeiras em *Caminhos e Fronteiras* e as expedições realizadas via rios em *Monções*, há indícios de uma nova mentalidade a se formar na cultura brasileira. Para pensar de que forma o americanismo surge e se firma na cultura brasileira, aceito a tese de Antonio Candido segundo a qual Sérgio Buarque de Holanda desenvolve de forma muito peculiar os tipos ideais uma vez propostos por Max Weber. Diz-nos Antonio Candido que

(...) nesse processo [de utilização dos tipos ideais weberianos] Sérgio Buarque de Holanda aproveitou o critério tipológico de Max Weber, mas modificando-o, na medida em que focaliza pares, não pluralidades de tipos, o que lhe permite deixar de lado o modo descritivo para tratá-los de maneira dinâmica, ressaltando principalmente a sua interação no processo histórico (Candido *apud* Monteiro, 1999, p. 98).

Dito de outra forma, Sérgio Buarque dissolve a relação dicotômica que poderia existir entre americanismo e iberismo e trabalha esses elementos como par de uma relação dialética por meio do qual esses elementos compõem uma unidade cujo resultado é uma síntese inesperada. Trata-se da “metodologia dos contrários” amplamente trabalhada na obra de Pedro Monteiro (1999) e aplicada à relação entre iberismo e americanismo na cultura brasileira – assim, não se espera pela vitória triunfante

da modernidade sobre as raízes ibéricas, mas sim um convívio entre lógicas divergentes que oferecem o tom da diferença da modernidade brasileira.

Há alguns exemplos desse convívio ao longo de *Caminhos e Fronteiras*. Sabemos como era patente naqueles exploradores jogados ao sertão a presença da cultura indígena. Essa presença não representa uma herança desprezível, pelo contrário, ela constitui elemento positivo e dinamizador da cultura ibérica, força capaz de estabelecer poderosos vínculos entre o adventício e a imensidão tropical. Nesse sentido, o retrocesso a condições mais primitivas de cultura material a cada novo contato com a natureza e com o indígena despe-se de sua negatividade e assume um caráter imprescindível no processo de adaptação às novas condições de vida. Sem essa “plasticidade” não se poderia conceber a vitória do português na conquista e ocupação do trópico.

Sabemos, portanto, que entre os indígenas e sertanejos, os laços que unem o homem à natureza são bem mais estreitos do que tudo quanto pode alcançar nossa imaginação. A relação estabelecida entre homem e natureza no empreendimento das bandeiras parece um pouco distinta daquela plasticidade que tão bem caracterizou o adventício em sua conquista dos trópicos cujo fruto mais importante foi a civilização da cana. Trata-se, contudo, de uma diferença de grau e não de natureza, isto é, é ainda a plasticidade que comanda tanto o empreendimento das bandeiras quanto a exploração militar da natureza tropical no plantio e cultivo da cana-de-açúcar. Contudo, a plasticidade, entendida como aquela qualidade de adaptar-se facilmente às mais diversas situações, foi elevada ao um grau exponencial nas bandeiras de modo que a relação natureza/sociedade tornou-se mesmo uma relação de profunda intimidade.

A civilização da cana foi vitoriosa devido a essa plasticidade incrível da gente ibérica, mas essa característica não implicou uma intimidade entre portugueses/trópico/indígenas – foram os escravos negros, e não os portugueses, que trabalharam a terra e produziram as riquezas e os naturais da terra, estes, foram completamente dizimados. É certo que tanto na civilização da

cana quanto nas bandeiras e monções, é a aventura, o “jogar-se no mundo”, o espírito do provisório, o princípio que dá o tom do empreendimento, mas há uma diferença crucial entre o bandeirante e o senhor de engenho: o primeiro, a despeito de sua ânsia pelo ganho fácil, está mais cá, no sertão brasileiro, do que lá, Portugal; completamente ambientado na nova terra e íntimo dos indígenas, o bandeirante é o “novo homem dos trópicos” e aqui estabelece uma relação peculiar entre os homens e destes com a natureza; o senhor de engenho, que tinha a terra e a gente americanas como insumos a serem consumidos na produção cana, esse tem seus olhos e esforços voltados, não para a nova terra, mas para Portugal. De alguma forma, o espírito de aventura tem seu sentido renovado nas bandeiras e monções e isso se deve à peculiaridade das relações estabelecidas entre os homens e destes com a natureza.

Assim, esse caráter de aventura que tão bem caracteriza as raízes da cultura brasileira começa a se dissipar no sertão paulista por ocasião das bandeiras e monções – essa é a medida da novidade que a ocupação do sertão paulista nos traz, isto é, é exatamente uma relação renovada entre homens e desses com a natureza o elemento básico dos primeiros traços de americanismo entre nós. Contudo, o americanismo não vence tão fácil assim, em outras palavras, não há uma troca de um, iberismo, pelo outro, o americanismo: trata-se de processos longos, de avanços e recuos, de um equilíbrio sutil entre ambos os elementos. É, portanto, um indício de uma nova mentalidade (que não é cópia, é originalíssima, é americana-brasileira) calcada ainda na mentalidade tradicional. Americanismo e iberismo se combinam e dão forma a um elemento inesperado, os primeiros traços de uma cultura brasileiríssima, poderíamos sugerir. Sérgio Buarque nos oferece em *Caminhos e Fronteiras*, especialmente, alguns exemplos dessa combinação feliz e vitoriosa entre os dois elementos que deu origem a uma cultura tipicamente sertaneja.

A arte sertaneja de curar é um exemplo dessa síntese. É possível distinguir entre as mezinhas e procedimentos utilizados pela gente sertaneja na cura de variadas enfermidades tanto

elementos indígenas, como o hábito de afogear-se o corpo ou parte do corpo do doente, como europeus, como o uso corriqueiro da aguardente na preparação daqueles remédios. Contudo há produtos tão imprevistos dessa “mistura” que é simplesmente impossível dizer se tal ou qual prática é indígena ou europeia – trata-se, na verdade, da síntese de um terceiro elemento, fruto desse encontro tão fortuito.

Um outro exemplo que o autor nos oferece em *Caminhos e Fronteiras* é o tropeiro que surge como a figura paradigmática dessa síntese de elementos culturais tão díspares. O tropeiro é o sucessor direto do sertanista e o precursor, em muitos pontos, do grande fazendeiro, argumenta Sérgio Buarque. Aquele espírito de aventura que presidiu a conquista de tão largas terras, aos poucos, toma uma forma mais ordenada e disciplinadora. O tropeiro, assim como o monçoneiro, conta com uma ambição menos impaciente do que a do bandeirante, uma postura que supõe calcular danos e perdas. Nesses empreendimentos, para tanger tropas de animais por longas distâncias com objetivo de comercializá-las assim como tocar as expedições rumo à Cuiabá com o fito de abastecer pequenos povoados que se estendiam ao longo do caminho, são necessárias a previdência e uma certa disciplina que assegurem o cumprimento dessas tarefas, virtudes eminentemente burguesas. Ainda que guarde aquele espírito de aventura imprescindível ao “jogar-se ao sertão”, o tropeiro e os monçoneiros trazem uma novidade ao espírito ibérico, a previsibilidade e a calculabilidade.

A presença de uma nova mentalidade nesses homens é clara em *Monções*. Os habitantes de São Paulo, distantes dos núcleos de forte intercâmbio com a metrópole, vão se manter por muito tempo numa situação de instabilidade e imaturidade que favorece um maior contato e mesmo intimidade com os indígenas e com a natureza tropical. A vocação do paulista, sentencia Sérgio Buarque, encontra-se no movimento e não nas grandes propriedades de terras que fincam raízes. Contudo, com a descoberta de ouro em Cuiabá e o assentamento de pequenos povoados pelos caminhos

que conduziam ao povoado, essa instabilidade deveria ser enfrentada em nome da continuidade e sucesso da exploração do ouro naquela região. Embora seja a aventura o princípio que move esses homens em busca de riqueza fácil e rápida, aqueles que participam dessas expedições rumo ao Mato Grosso têm ambições mais disciplinadas, trata-se de

um ritmo que já não é o da simples energia individual livre de expandir-se, que regula toda sua atividade. A própria vida há de sujeitar-se neles a limites novos, a novas opressões. Aos freios divinos e naturais, os únicos, em realidade, que compreendiam muitos dos sertanistas de outrora, acrescentam-se, cada vez mais poderosas, as tiranias legais e jurídicas, as normas de vida social e política, as imposições freqüentemente caprichosas dos governantes (Holanda, 1976, p. 117).

Por meio dessa descrição lírica da vida nas monções, percebe-se o lento processo de formação de uma nova mentalidade, americana de nascimento, que não surge em sua inteireza e força para sufocar o espírito de aventura. Trata-se de uma convivência entre esses dois princípios, a aventura e o trabalho, o americanismo e o iberismo, na conformação dessa mentalidade tipicamente americana, isto é, uma mentalidade que não é puramente europeia e muito menos puramente indígena. Dito de outra forma, não há uma opção entre cordialidade e civilidade, mas uma combinação entre os dois princípios que, aos poucos, dá lugar à civilidade típica da urbanidade. Como sugere Pedro Monteiro (1999), a tradição fundada em bases personalistas e o liberalismo fortemente aliado ao urbano não são princípios excludentes, ao menos naquele Brasil então em seus primeiros passos.

Não se trata, portanto, de uma simples opção pelo polo moderno como se fosse possível despir-se da tradição e vestir-se de moderno. No plano da realidade, do viver cotidiano daqueles homens, o caminho não era tão simples. A questão que se coloca que sintetiza toda a discussão que montamos ao longo desse artigo

é a seguinte: pode a civilidade, marca dos novos tempos, conviver com a cordialidade, resquício da tradição ibérica?

O estudo da cultura material de bandeirantes e monçoneiros traz uma resposta: trata-se de uma síntese por meio da qual os opostos, iberismo e americanismo, cordialidade e civilidade, convivem sem transcender um ao outro. Apesar de sua total incompatibilidade do ponto de vista de uma “episteme da modernidade” (Tavolaro, 2005), a ordem e a desordem conviveriam nessas terras tropicais. Uma pergunta muito pertinente é feita por Pedro Monteiro (1999) que nos leva direto ao ponto central do argumento. Vejamos: “Estariamos aqui próximos àquela dialética da ordem e da desordem, apontadas por Antonio Candido, quando submeteu o romance de Manuel Antonio de Almeida a uma redução estrutural?” (Monteiro, 1999, p. 257).

Em outras palavras e à moda do “jeitinho brasileiro”, poderíamos sugerir que tal o personagem de “Memórias de um sargento de milícias” de Manuel Antonio de Almeida, as ordens existem para serem transgredidas. Como sugere mais uma vez Pedro Monteiro (1999), o moderno não anularia o primitivo, mas o assimilaria à modernidade que então tomava forma no Brasil.

Trata-se, é certo, de uma modernidade singular (e não periférica²) marcada pelo signo da diversidade e por uma certa distância da “episteme da modernidade”; por sermos “filhos do jacaré com a cobra d’água”, como sugere Werneck Vianna (*apud* Bastos, 2002, p. 183), talvez seja possível, como intuiu Florestan Fernandes, pensar o mundo moderno a partir da periferia, do “desvio” da ordem, de modo a melhor compreender o mundo contemporâneo.

² É preciso deixar claro que singularidade não significa periferia ou mesmo excepcionalidade. Não é possível fazer aqui uma discussão sobre os sentidos da modernidade brasileira, mas as reflexões que desenvolvi aqui a partir da obra de Sérgio Buarque afastam-se abissalmente da tese da “excepcionalidade brasileira” tal como descrita por Sérgio e Lilia Tavolaro (2010) ao olhar para a modernidade brasileira como um modo “alternativo” de ser moderno.

Podemos pensar, seguindo as sugestões de Monteiro (1999), que essas obras de Sérgio Buarque de Holanda, a saber *Caminhos e Fronteiras, Raízes do Brasil* e *Monções*, são parte de uma tradição da reflexão sociológica brasileira que toma a cultura brasileira como uma combinação entre o moderno e o tradicional. Sérgio Buarque afasta-se de todo o debate proposto pelas teorias da modernização das décadas de 1950 e 1960 (refiro-me, essencialmente, às contribuições de Talcott Parsons) ao tratar modernidade e tradição como elementos intercambiantes, como pares de uma relação dialética que se recompõem incessantemente na formação cultural e social do país. É esse “movimento dialético”, facilmente perceptível no fazer cotidiano de bandeirantes e monçoneiros descrito por Sérgio Buarque, o traço peculiar do processo de formação da modernidade brasileira.

É a “passagem do dois ao três”, como belamente expõe Antonio Candido (2002), o elemento essencial da leitura de Sérgio Buarque acerca da cultura e história brasileiras. O que queremos dizer é que como pano de fundo desses pares de elementos identificados ao longo desse artigo - iberismo/americanismo; aventura/trabalho; cordialidade/civilidade; ordem/desordem – e que estão dispersos ao longo das obras do autor tratadas nesse espaço, há uma concepção mais profunda sobre o caráter da modernidade brasileira que se afasta das concepções mais clássicas ao diluir as dicotomias tão a gosto da “episteme da modernidade”, quais sejam natureza e cultura, barbárie e civilização e, finalmente, tradição e moderno.

A questão que se coloca para Sérgio Buarque, a meu ver, é compreender o Brasil Moderno não como um desvio, uma versão imperfeita da modernidade ocidental, mas, como sugere Ortiz (1999), “como uma diferença que não se esgota no atraso” (Ortiz, 1999, p. 165). Nesse sentido, o termo *desvio* que há pouco utilizei para marcar a diferença brasileira com relação à “regra” do mundo ocidental talvez seja completamente inadequado, já que não se trata de uma aberração, mas antes de um “modo de ser” integrante da modernidade, afinal de contas, há dúvidas do lugar do Brasil, ou mesmo de outros países outrora classificados como “Terceiro

Mundo” e hoje tomados como “países em desenvolvimento”, no concerto do mundo globalizado?

Sérgio Buarque de Holanda ao focalizar e desmistificar o bandeirante ilumina uma história e uma forma de relação entre os homens e destes com a natureza não percebida e tratada com cuidado pelos estudiosos da cultura e sociedade brasileira. A natureza, nesse sentido, apresenta-se como chave promissora de compreensão da realidade brasileira.

Há, é claro, muitas outras questões a serem debatidas e aprofundadas no que concerne ao tema natureza em suas interconexões com o tema da modernidade brasileira. Este artigo visa apenas mostrar o quão profícuo o tema natureza se mostra na análise sociológica, embora seja um tema pouco tratado pela literatura, especialmente a sociologia brasileira em suas versões mais “clássicas”.

Bibliografia

- ARANTES, P. E. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira. Dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- ARAÚJO, R. B. *Guerra e Paz. Casa-Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- BASTOS, E. R. “Pensamento social da Escola Sociológica paulista”. In: MICELI, S. *O que ler na Ciência Social brasileira*. São Paulo: ANPOCS: Sumaré; Brasília: CAPES, 2002.
- CANDIDO, A. “O significado de Raízes do Brasil”. In: HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 23ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- . “Duas vezes a passagem do dois ao três”. In: CANDIDO, A. *Textos de Intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.

- _____. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 9ª edição. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2001.
- EISENSTADT, S. *Multiple Modernities*. New Brunswick, USA; London, UK, 2002.
- FRANÇOSO, M. C. *Um outro olhar: a etnologia alemã na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas.
- HOLANDA, S. B. *Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000 (Grandes nomes do pensamento brasileiro).
- _____. *Caminhos e Fronteiras*. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- _____. *Raízes do Brasil*. 23ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- _____. *Monções*. 2ª ed. São Paulo: Alfa-ômega, 1976.
- MONTEIRO, P. M. *A queda do aventureiro. Aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1999.
- MONTEIRO, P. M.; EUGÊNIO, J. K. (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: UERJ, 2008.
- ORTIZ, R. “Da modernidade incompleta à modernidade-mundo”. *Idéias*, Campinas, n. 5, v. 2 / n. 5, v. 1, 1999.
- PESAVENTO, S. J. (org.). *Um historiador nas fronteiras: o Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- PIVA, L. G. *Ladrilheiros e Semeadores: a modernização brasileira no pensamento político de Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda, Azevedo Amaral e Nestor Duarte (1920-1940)*. São Paulo:

Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo; Editora 34, 2000.

SANTOS, A. C. V. R. "Ecologia e modernidade em 'Os Parceiros do Rio Bonito' de Antonio Candido: uma primeira aproximação". *Revista Mediações*, Londrina, v. 15, n. 2, p. 266-281, jul./dez. 2010.

TAVOLARO, S. F. "América Latina: Entre imagens e estigmas". In: FERREIRA, L. C. (org). *Teoria Social, Interdisciplinaridade e Questão Ambiental na América Latina*. Campinas: NEPAM, 2009 (no prelo).

_____. "Existe uma modernidade brasileira: reflexões em torno de um dilema sociológico brasileiro". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 20, n. 59, out. 2005.

TAVOLARO, S. B. F.; TAVOLARO, L. G. M. "A cidadania sob o signo do desvio: Para uma crítica da 'tese de excepcionalidade brasileira'". *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 25, n. 2, mai./ago. 2010.

WEGNER, R. *A conquista do Oeste. A fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.